

2009

n. 11 - 12/ novembro-dezembro

dma

da mihi animas

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA



evangelização



da mihi animas
Revista das Filhas de Maria Auxiliadora

Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma RM
tel. 06/87.274.1
fax 06/87.13.23.06
e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável
Mariagrazia Curti

Redação
Giuseppina Teruggi
Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana – Julia Arciniegas – Mara Borsi – Piera Cavaglià – Maria Antonia Chinello – Emilia Di Massimo – Dora Eystenstein – Laura Gaeta – Bruna Grassini – Maria Pia Giudici – Palma Lionetti – Anna Mariani – Cristina Merli – Maria Helena Moreira – Concepción Muñoz – Adriana Nepi – Maria Luisa Nicastro – Louise Passero – Maria Perentaler – Loli Ruiz Perez – Rossella Raspanti – Lucia M. Roces – Maria Rossi.

Tradutoras

francês – Anne Marie Baud
japonês - inspetoria japonesa
inglês - Louise Passero
polonês - Janina Stankiewicz
português – Maria Aparecida Nunes
espanhol - Amparo Contreras Alvarez
alemão - inspetorias austríaca e alemã

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice - 00139 Roma – Via Ateneo Salesiano, 81 – c.c.p. 47272000 – Reg. Trib. Di Roma n. 13125 del 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96 – Filiale di Roma – n. 3/4 marzo-aprile 2008 – Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide, 11 – 00181 Roma.

Tradução do original Italiano para a Língua Portuguesa
n. 11-12_ novembro- dezembro_2009

Sumário

EDITORIAL	Tudo faço pelo evangelho	4
DOSSIÊ	Nos caminhos da evangelização	5

Primeiro plano: Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos

AS MULHERES NA PALAVRA	Jesus e a Samaritana	9
VIDA CONSAGRADA E...	Instâncias formativas	10
ECUMENISMO	Ecumenismo e vida religiosa	12
FIO DE ARIADNE	Quando não podemos calar	13

Em busca: Leitura evangélica dos fatos contemporâneos

COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	Economia alternativa para a igualdade das mulheres	17
PASTORALMENTE	Os jovens cada vez mais distantes da fé?	18
POLIS	A fome esquecida	19

Comunicação: Informações, notícias, novidades do mundo da mídia

JOVENS.COM	Hikikomori: o mundo em uma estância	22
ESTANTE SITES	Resenha sites Web	24
VÍDEO	Gran Torino	25
ESTANTE	Resenha de vídeos e livros	26
LIVRO	As coisas belas que o céu nos traz	28
CAMILLA	É tempo de reavivar o fogo	31

EDITORIAL

Tudo faço pelo evangelho

Giuseppina Teruggi

A última edição da Revista DMA 2009 quer ajudar a refletir sobre o empenho da evangelização. Dom e dever urgente, inadiável. Foi expresso em várias ocasiões na assembleia capitular, que orientou para o seu aprofundamento sério e sistemático, considerando a sua proximidade com o tema do Capítulo. A proposta do primeiro caminho de conversão ao amor confiado a cada FMA: “Ser memória vivente do modo de ser e de agir de Jesus”, foi uma bonita conclusão à qual se chegou. A evangelização finca raízes no coração antes de se tornar sinal e vida.

Evangelização é comunicação – aponta o *dossiê* – é palavra, é certo, mas antes de tudo é um modo de ser, um estilo de vida. Trata-se de narrar com a própria existência que “a vida cristã é ‘boa’: qual sinal é maior – pergunta-se Enzo Bianchi – do que uma vida habitada pela caridade, para fazer o bem, pelo amor gratuito que chega a abraçar também o inimigo, uma vida de serviço sobretudo aos pobres, aos últimos, às vítimas da história?”.

Evangelizar o coração, em primeiro lugar. Isto implica um processo de autoformação, com a consciência de ser portadoras de um saber e de um saber fazer. O percurso formativo – sublinha a rubrica *Vida consagrada e...* – acompanha a pessoa para uma plena configuração a Cristo segundo o carisma do próprio Instituto por uma presença significativa no contexto onde se vive. É a meta da formação.

Vivemos um momento histórico em que não podemos calar. Desde o evento de Pentecostes – observa *Fio de Ariadne* – a Igreja vem amadurecendo a consciência de ter parte ativa na sociedade e no mundo: seu dever é precisamente falar do Deus de Jesus Cristo. Com ousadia, dispostas a caminhar contra a corrente, tendo a coragem de uma palavra límpida e livre, capaz de impressionar a mulher e o homem de hoje.

Um grande desafio, para nós, educadoras, permanece a pergunta: como educar os jovens à fé? Tenta-se responder a esta questão complexa na rubrica *Pastoralmente*. Os tempos são difíceis, faltam claras estratégias de percurso. Todavia “os tempos difíceis podem revelar-se como tempos mais evangélicos”, afirmava Teresa de Calcutá. A educação à fé em nosso tempo não é tanto questão de meios dos quais dispor, quanto uma questão de fonte a ser redescoberta. Urge um retorno à fonte, aquela que os profetas de todos os tempos alcançaram e que indicavam como essencial quando as certezas eram sacudidas nas bases. A fonte encontra-se no coração das pessoas, alimenta-se na partilha, em companhia de muitos jovens sedentos de Deus. A fonte evangeliza o coração e impele à paixão ardente de viver e agir somente pelo evangelho.

gteruggi@cgfma.org

Nos caminhos da evangelização

Anna Rita Cristaino, Palma Lionetti e Lucy Roces

Nosso Instituto sente forte o apelo dos jovens que se interrogam sobre o sentido da própria vida, sobre o modo de realizar-se como pessoa travando relações profundas. (...) Nos jovens emerge, com um forte desejo de amizade, afeto companhia, solidariedade, a necessidade de uma profunda experiência de Deus. (CG XX N° 24).

«Estes jovens sedentos de amor e de felicidade nos interpelam». Esta constatação forte que se lê nos Atos do Capítulo Geral, no N° 24, leva-nos a querer prosseguir nos caminhos da evangelização.

Como salesianas nós somos obstinadamente otimistas porque sabemos que cada jovem é educável, que em cada pessoa existe a possibilidade de um encontro e, sobretudo, que cada jovem traz dentro de si uma dimensão da alma que é aberta ao transcendente.

Cada pessoa humana tem direito à possibilidade de encontrar o Senhor, à revelação de Jesus. É isto o que tem no coração todo cristão que não retém para si a alegria do encontro com o Senhor, mas sente a urgência de comunicá-la e anunciá-la.

Toda nossa ação pastoral está voltada para a abertura ao humano que é educável e os jovens esperam de nós motivos para esperar, esperam que lhes relatemos a “Boa Nova”.

Mas o que quer dizer evangelizar?

No atual contexto social algumas vezes sentimo-nos incômodos para propor a fé a alguém, como se se tratasse de um produto à venda. Por respeito ao outro não queremos dar a impressão de impor alguma coisa, ou de procurar convencer alguém.

Em grego o verbo *evangelizar* é usado para resumir a expressão «anunciar uma boa notícia»: qualquer evangelizado é alguém que foi posto «a par». Usamos a palavra evangelizar para descrever a realidade mais preciosa da nossa fé: o anúncio da ressurreição de Cristo. O apóstolo Paulo chega a dizer: «Ai de mim se não evangelizar» (1Cor 9,16). Para ele a evangelização é a consequência de sua adesão a Cristo. Empreender caminhos de evangelização em todos os contextos requer a capacidade de inculturar a mensagem evangélica, fazê-la entrar em diálogo com as culturas e aprender a transmiti-la.

Parece-nos importante, nesta reflexão, estar atentas a quatro aspectos: *o primeiro anúncio, o testemunho, a busca de sentido, a responsabilidade do empenho.*

O Primeiro anúncio. O evangelho é o relato dos ensinamentos e do testemunho de Jesus, da sua encarnação, morte e ressurreição. Os apóstolos proclamavam o *Kerigma*, o núcleo fundamental da nossa fé, sobre os telhados. Jesus, que fora crucificado inocente, que proclamou a lei do amor, ressuscitou. Com a morte venceu os pecados e com a sua ressurreição restituiu-nos a salvação. Tudo era simples, linear.

Dois relatos do Novo Testamento nos explicam de que modo este anúncio se realizava. No primeiro (Lc.24,13-35) é Jesus mesmo que nos ensina a falar dele e do seu acontecimento de salvação, a partir das Sagradas Escrituras. Acompanha os discípulos de Emaús num caminho que os leva a abdicar do desânimo e a reconhecer, nos recentes acontecimentos, sua mensagem de salvação. Faz-se companheiro de caminhada, usa uma linguagem compreensível, aquece os corações, compartilha a mesa.

O segundo relato (At.8,26-40) é a conversão do Etíope, que pede a Filipe para explicar-lhe o sentido das Escrituras que está lendo, e o apóstolo partindo dos profetas, explica como aquelas revelações se cumpriram com o advento de Jesus morto e ressuscitado. A sua palavra é tão eficaz

que o Etíope logo pede para ser batizado. Também Filipe está em viagem e se faz próximo do seu interlocutor, partindo das perguntas que ele lhe fazia e às quais não sabia dar resposta.

Dois exemplos que nos mostram como o anúncio é feito de diálogo. A fé no evangelho não nasce da persuasão, mas é a própria palavra, o Espírito do qual está impregnada que alcança e toca quem escuta. A fé é um dom.

O testemunho. Os apóstolos acatam o convite de Jesus de ir pelo mundo todo para levar a boa notícia do evangelho: proclamem sobre os telhados, aquilo que vocês escutaram em segredo. Mas sua linguagem teria sido ineficaz se não tivesse encontrado força no seu testemunho: «Vejam como se amam». Sua vida, seus gestos eram transparentes, legíveis. Suas ações, impregnadas de evangelho e tudo neles falava do amor de Deus pela humanidade.

A busca de sentido. O amor, a proximidade, a simplicidade e a humildade são valores evangélicos que conduzem a uma única e grande meta: a felicidade. O discurso das bem-aventuranças é a explicação do agir segundo o evangelho, porquanto a estrada da felicidade que o Senhor nos indicou passa pela pobreza e simplicidade, pela busca da justiça e da pureza. Esta é a estrada que os jovens esperam que nós lhes indiquemos.

A responsabilidade do empenho. Muitos dos primeiros cristãos pagaram com a própria vida sua fé em Cristo e o testemunho do seu amor. Ainda hoje em muitos países, os cristãos sofrem diversas formas de oposição que, em alguns casos, levam à morte os que professam abertamente sua fé no Evangelho.

O martírio, propriamente, dá credibilidade às testemunhas, que não buscam o poder ou as vantagens pessoais mas entregam sua vida por Cristo. Elas manifestam ao mundo a força desarmada e cheia de amor pelos homens que é conferida a quem segue Cristo até o dom total da sua existência.

Por ocasião do 125º aniversário da primeira expedição missionária, Madre Antônia Colombo escreve em sua circular: «A estrada da evangelização passa pela estrada da compaixão, da proximidade, do resgate de uma situação de abandono e de opressão e se revela como atenção à vida dos jovens, introdução gradativa ao verdadeiro significado da existência e ao seu destino último. A experiência do amor gratuitamente recebido suscita a exigência de dar de graça aos outros o mesmo precioso dom. (...) O nosso Instituto não se abre à missão *ad gentes* só depois de uma razoável consolidação. Nasce contemporaneamente com o primeiro sonho missionário de Dom Bosco e por isso traz a marca, o entusiasmo e a clara intencionalidade missionária do Fundador» (Circ. 840).

Evangelização é comunicação

Como comunicar a Boa Notícia a pessoas que não têm conhecimento de Deus e que parecem nada esperar dele?

Com a adesão pessoal a Cristo. A evangelização pede antes de mais nada, para começar de si mesmo. Em primeiro lugar, é com a nossa vida e não com palavras, que testemunhamos a realidade da ressurreição: «Conhecer Cristo, o poder da sua ressurreição, a participação nos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte, com a esperança de alcançar a ressurreição dos mortos» (Fil.3,10-11). Cristo torna-se credível aos olhos daqueles que não o conhecem, com a nossa certeza, com a alegria de nos saber amados desde toda a eternidade.

Todavia, há situações em que as palavras são necessárias. Pedro o diz bem: «Sempre prontos para responder a quem quer que seja sobre a razão de sua esperança» (1 Pe. 3,15). A gratuidade dos nossos gestos falará por nós, o nosso desprendimento pessoal creditará as palavras que vamos pronunciar.

«A evangelização é a comunicação de uma palavra, que é algo mais que uma palavra, é um modo de viver, ou melhor, é a própria vida», assim falou o então cardeal Joseph Ratzinger, em

2002 durante sua intervenção no convênio *Parábolas midiáticas*, promovido pela Conferência Episcopal Italiana (CEI).

Já que a paixão pela evangelização brota da intensidade da experiência pessoal de Cristo, ela deve basear-se sobre uma forte espiritualidade, um estudo aprofundado, sobre a capacidade de estar com os outros, sobre a formação de uma mentalidade organizadora que habilite à missão de evangelizar.

Interpretar com a categoria da comunicação o que cada fma é chamada a realizar nos caminhos da evangelização, significa cuidar de diversos aspectos: capacidade expressiva, dotes comunicativos, diálogo e escuta, observação da sociedade, capacidade de síntese, modo de viver e trabalhar em grupo, relacionamento com as várias classes de pessoas.

O anúncio da Palavra deve ser feito de modo tal que se torne resposta às perguntas fundamentais da pessoa humana: sobre o amor, as relações sociais verdadeiras e boas, a felicidade. Algumas vezes é colocada em risco a capacidade de se dizer, da proposta cristã.

O caminho da evangelização requer o conhecimento do outro, a capacidade de falar a sua linguagem, de fazer-se próximo, em sentido evangélico, de quem se aproximou fisicamente demonstrando acreditar no Pai único. Antes de qualquer anúncio ocorre aprender o alfabeto com que dirigir-se ao outro, manifestando concretamente simpatia e aproximação cordial.

O anúncio do Evangelho, portanto, não pode se desligar de uma boa comunicação, de um comportamento límpido, de uma prática amável de escuta, confronto e alteridade.

A partir do Concílio Vaticano II o Magistério da Igreja muitas vezes pediu à Igreja, visando à evangelização, para dialogar, conversar, olhar para o mundo com imensa simpatia pois, se o mundo parece estranho ao cristianismo, a Igreja não pode sentir-se estranha ao mundo.

Enzo Bianchi, prior da comunidade de Bose, numa recente entrevista, afirma: «Precisamos de homens e mulheres que narrem com a própria existência que a vida cristã é “boa”: qual sinal é maior do que uma vida habitada pela caridade, para fazer o bem, pelo amor gratuito que chega a abraçar também o inimigo, uma vida de serviço entre os homens sobretudo os mais pobres, os últimos, as vítimas da história?»

Para que as alegrias e fadigas que o cristão encontra diariamente também se tornem eventos harmoniosos, ocorre uma vida capaz de acolher harmoniosamente a própria existência junto com a dos outros e da criação inteira».

Carisma educativo e evangelização

Que rosto de Jesus e da Igreja conseguimos esboçar para os jovens?

Evangelizar, então, não é em primeiro lugar falar sobre Jesus a alguém. É importante fazer compreender e tornar cada pessoa atenta ao valor que ela tem aos olhos de Deus.

Evangelizar é transmitir aquelas palavras que Deus dirige a cada um: «Porque és precioso aos meus olhos, eu te amo» (Is 43,4).

E é nesta base que se fundamenta nossa ação com e para os jovens.

O Papa Bento XVI em sua mensagem para o Dia Mundial das Missões do mês de outubro passado, diz: «A Igreja não age para estender o seu poder ou afirmar o seu domínio, mas para levar Cristo, salvação do mundo, a todos. Não pedimos senão que nos coloquemos ao serviço da humanidade, especialmente da humanidade sofredora e marginalizada, porque acreditamos que o empenho de anunciar o Evangelho aos homens do nosso tempo é sem dúvida alguma um serviço a ser prestado não apenas à comunidade cristã, mas a toda a humanidade».

A Congregação para a Doutrina da Fé em uma nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização, escreve: «Cada pessoa tem o direito de ouvir a “boa notícia” de Deus que se revela e se entrega em Cristo, para implementar totalmente a sua própria vocação. Trata-se de um direito conferido pelo Senhor a cada pessoa humana, pelo que cada homem e cada mulher pode

verdadeiramente dizer com São Paulo: “Jesus Cristo amou-me e se entregou por mim” (Gal 2, 20). A este direito corresponde um dever de evangelizar».

Cada atividade educativa que promovemos deveria incluir uma dimensão evangelizadora para permitir o encontro com Jesus Cristo a todos. Foi Ele mesmo que enviou os seus discípulos pelo mundo para que a riqueza da sua entrega gratuita possa chegar a todos.

De fato, é inerente a todo homem, compartilhar, tornar os outros participantes dos próprios bens. Os jovens que encontram Jesus, a sua Verdade, o seu Amor, são impelidos a dar sentido evangélico às suas ações cotidianas. Quando o encontro com Cristo é profundo suas vidas são transformadas.

Maria, a primeira evangelizadora

A verdadeira evangelização inicia-se com a “conversão”, lembra-nos o Capítulo quando nos reporta, como Comunidades educativas, ao Cenáculo, onde “com Maria a Mãe de Jesus (At 1,14)” o Espírito transforma os apóstolos de homens medrosos em ardentes missionários.

Maria, a primeira evangelizada passa então a ser a primeira evangelizadora. A evangelização, porém, está estritamente ligada ao testemunho de vida que se apresenta como o requisito fundamental para uma comunicação evangelizadora. Paulo VI na *Evangelii nuntiandi* confiou à Igreja o empenho de anunciar o evangelho aos homens de todos os tempos. «O homem contemporâneo escuta mais as testemunhas que os mestres ou, se escuta os mestres o faz porque são testemunhas» (67). Expressava isto muito bem quando descrevia o cenário de uma vida casta e respeitosa que «conquista sem necessidade de palavras aqueles que se recusam a crer na Palavra» (68).

Então, é principalmente mediante a sua conduta, mediante a sua vida, que a Igreja evangelizará o mundo, isto é, mediante o seu testemunho vivenciado de fidelidade ao Senhor Jesus, de pobreza e desapego, de liberdade diante dos poderes deste mundo, em uma palavra, de santidade.

Evangeliza-se através de uma atividade profunda que vai fundar a nossa disposição interior e a nossa postura diante da comunicação humana, sobre uma intensa experiência espiritual.

A “doação por amor” (Communio et progressio, nº 11) leva àquele contato pessoal que é considerado o instrumento fundamental da comunicação evangelizadora.

O testemunho e o contato pessoal tornam-se assim os principais instrumentos da evangelização e as condições para expressar no nosso cotidiano aquele “ministério do acompanhamento” de que Maria é mestra.

ENTREVISTA

Ir. Maria Luisa Roca é uma fma espanhola a quem, como ela mesma diz, Deus concedeu a imensa graça de ser missionária na África por 24 anos. Chegou ao Togo em 1985, passou sucessivamente para o Gabon, Guiné Equatorial, Costa do Marfim e Congo-Brazzaville. Agora encontra-se em Pointe Noire, no Congo, cidade com 4 milhões de habitantes.

De que modo você conseguiu comunicar o Evangelho no seu contexto?

Em Pointe Noire, temos uma Escola Profissional e através dela pudemos chegar a muitos jovens que frequentam diferentes cursos: corte e costura, confeitaria, contabilidade e secretariado, assim como a alfabetização que inclui as aulas de bordado e cabeleireira. Todos estes cursos dão um diploma oficial. Priorizamos as jovens, reservando para elas 80% dos lugares porque na África a promoção da mulher é de vital importância.

Temos na missão um internato com 17 crianças em situação de risco, com problemas morais e familiares. Nós as cercamos com todo o afeto de que têm necessidade (são muito carentes) e lhes damos, com os nossos próprios meios, todo o necessário para que possam estudar e reconstruir suas vidas. O nosso objetivo é inseri-las no seu contexto familiar, na sociedade. Este internato forma um só bloco com a nossa casa e muitas vezes tomamos juntas as refeições.

Como se pode notar por tudo aquilo que eu disse até agora, fazemos a evangelização através da educação e não obstante a maioria dos alunos não ser católica, acolhem de bom grado tudo quanto lhes é falado sobre religião e se sentem muito bem neste clima de família salesiana.

Sua comunidade é internacional e isto as ajuda no diálogo com as pessoas do lugar?

Somos quatro fma provindas de 4 Nações e continentes diferentes: Ir. Teresita Munóz, do Chile (*América Latina*), Ir. Priscila Panadés, da Guiné Equatorial (*África*), Ir. Cecilia Chong, da Coreia (*Ásia*), e eu, da Europa. O povo do lugar vê e acolhe muito bem esta pluralidade e se admira como pessoas de culturas e idades tão diferentes possam viver tão unidas e felizes como a melhor família do mundo! Na evangelização isto nos ajuda muito: falar de Deus como aquele que está na origem desta harmonia e felicidade que observam em nossa vida abre-lhes o coração para acolher a mensagem cristã. Como trabalhamos no campo da educação temos a oportunidade não só de evangelizar os jovens, mas também os pais e os professores. O arco de possibilidades é grande. Vemos, ou melhor, "tocamos" como o Senhor prepara o coração dos nossos destinatários quando neles encontramos um terreno muito fértil e aberto para receber o dom de Deus.

Como conjugar as duas exigências: escuta e anúncio?

Eu creio que para anunciar Jesus Cristo é importante escutar, aproximar-se muito das pessoas, alegrar-se e sofrer com elas, ajudá-las em tudo o que for possível, compartilhar tudo, inclusive o nosso tempo e manter as portas da casa abertas. As pessoas, por sua parte, vão compreendendo aos poucos que é verdadeiro este calor humano, que por detrás não existe nenhum interesse pessoal e que só se busca o seu bem no corpo e na alma. E elas voltam. Sentimos muito o carinho do povo.

Como vocês falam de Jesus aos não-Cristãos?

Na região em que estamos não há islâmicos mas sim um grande número de seitas e algumas igrejas protestantes. As nossas crianças, na maioria, pertencem a elas. Mesmo assim, acolhem com coração aberto o "bom-dia", a oração que se faz todas as manhãs, as festas salesianas e eclesiais, inclusive a Eucaristia, à qual todos participam com entusiasmo e fervor.

É uma terra fértil onde Deus se faz particularmente presente.

Eles leem com interesse e entusiasmo as Revistas católicas que colocamos à porta de entrada da Escola e um pequeno folheto de Formação Popular, feito por nós em colaboração com os Salesianos, que ajuda a crescer na fé. Muitos vêm ao Oratório e ao Centro Juvenil e participam dos encontros Vocacionais.

AS MULHERES NA PALAVRA

Jesus e a Samaritana - Elena Bosetti

Por que João ambienta o encontro de Jesus com a Samaritana no poço de Sicar? A pergunta não é ociosa porque na Bíblia os encontros ambientados no poço se concluem habitualmente com as núpcias. O poço era também um lugar de socialização, como um tempo entre nós, a fonte da aldeia. Por que a Samaritana vai ao poço ao Meio-dia, a hora mais quente, quando todos estão em casa para o almoço e para a sesta? Talvez pela secreta esperança de não encontrar ninguém... Ele porém a esperava.

No poço de Sicar

Cansado da viagem, Jesus senta-se perto do poço. Os discípulos tinham ido comprar alguma coisa para comer e ele está só quando ela chega. É ele que toma a iniciativa, provoca e se faz mendicante de amor: «Dá-me de beber» (Jo 4,7). De início a mulher parece manter a distância, é surpreendida por uma solicitação que soa decididamente contra as regras sociais: «Por que tu, que és judeu, pedes para beber a mim que sou samaritana?» (v 9). A pergunta feita com estupor,

revela o que ela pensa dele: é um «judeu». Mas Jesus introduz a suspeita deste conhecimento superficial: propriamente ela não sabe quem é ele, de outro modo teria sido ela a pedir água.

A mulher escuta com curiosidade: dom de Deus, água viva. Discurso interessante, mas que para ela parece não ser concreto: «Não tens nem sequer um balde e o poço é profundo...». Ela não se rende porém, continua a perguntar e o faz bem: «De onde tiras esta água viva? És talvez maior que o nosso pai Jacó?» e lembra o que narra a tradição: o patriarca Jacó «deu-nos este poço, do qual ele mesmo bebeu, como também seus filhos e seus animais». Quem pretende ser aquele que se senta cansado ao lado daquele poço?

Que maravilha este diálogo, que vai crescendo no entrelaçamento das perguntas e respostas! Jesus não se preocupa em esclarecer o duplo sentido de suas palavras, segue provocando sua interlocutora e explica: «Quem bebe desta água tornará a ter sede; mas aquele que beber da água que eu lhe der, não terá mais sede».

A mulher reage prontamente à promessa da água que mata a sede: «Dá-me desta água!». Jesus acertou no centro e abriu uma brecha no existencial.

«Mulher, acredita em mim...»

O discurso, a partir da superfície, uma vez que atingiu o coração assinala uma reviravolta. O mestre avança com um outro pedido: «Vai chamar teu marido». Pobre mulher! Tinha saído ao meio-dia para evitar risinhos, comentários e ilações. «Não tenho marido» responde rapidamente. E Jesus «Disseste bem... de fato, tiveste cinco maridos e aquele que tens agora não é teu marido». Notemos que a samaritana não se ofende, antes, o singular conhecimento que Jesus demonstra ter de sua vida abre-lhe os olhos: «Senhor, vejo que és um profeta». Trata-se de uma espertalhona – como se costuma dizer – que quer mudar de assunto? Começa a falar de teologia para evitar as clarificações de sua vida? Nada disso. Ao contrário, exatamente por se sentir conhecida como só Deus ou um homem de Deus o pode fazer, é que então pode ousar.

A situação se inverte: de interrogante Jesus passa a ser interrogado, a ponto de revelar – precisamente para ela, mulher samaritana – a sua identidade de Messias. «Mulher, acredita em mim, vem a hora em que nem sobre este monte nem em Jerusalém adorareis o Pai... vem a hora, e é esta, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade». «Sei que deve vir o Messias», replica a mulher. E Jesus: «Sou eu, que falo contigo» (vv 16-26).

A cena se movimenta. Chegam os discípulos e se admiram ao ver o Mestre falando com uma mulher. Mas eles se absterem de fazer perguntas. Além disso, ela foge. Acaba esquecendo a bilha de água. Já bebeu a água viva que Jesus lhe havia prometido e não tem tempo a perder. Possui uma notícia muito bonita, deve comunicá-la.

Eis o que significa encontrar Jesus, eis o que comporta deixar-se interrogar e iluminar pela sua Palavra. Tornar-se aquilo que ele promete: água viva e fonte de vida também para os outros.

VIDA CONSAGRADA E...

Instâncias formativas - *Martha Seide*

“Há uma juventude de espírito que permanece no tempo: liga-se ao fato de que o indivíduo procura e encontra em cada ciclo vital um dever diferente a ser cumprido, um modo específico de ser, de servir e de amar” (VC 70).

Esta afirmação do documento *Vida Consagrada* é ratificada pelo Projeto Formativo das FMA ao introduzir o tema da formação nestes termos: «O itinerário de maturação implica um modelo formativo dinâmico e vital, em que a fidelidade ao carisma torna-se capacidade de acolher uma entrega e de enriquecê-la continuamente mediante a vivência pessoal e comunitária, no confronto com as instâncias evangélicas e culturais» (PF p. 15).

Partimos de um breve relato de Bruno Ferrero: *Um escultor estava trabalhando duro com o seu martelo e o seu cinzel um grande bloco de mármore. Um rapazinho, que passeava chupando sorvete, parou diante da porta escancarada da oficina.*

O rapazinho fascinado fixou a chuva de pó branco, de pequenas e grandes lascas de pedra que caíam e tornavam a cair à direita e à esquerda.

Não tinha ideia do que estava acontecendo; aquele homem que triturava como um louco a grande pedra parecia-lhe um tanto estranho.

Algumas semanas depois, o rapazinho tornou a passar diante do estúdio e com grande surpresa viu um enorme e majestoso leão no lugar do bloco de mármore.

Todo excitado, o garoto correu para o escultor e lhe disse: "Senhor, diga-me, o que você fez para saber que havia um leão na pedra?"

Comparando a ação formativa à obra do escultor, podemos afirmar que não se trata somente de uma ação orientada para dar forma, mas para fazer nascer e crescer a identidade carismática segundo um processo dinâmico. Isto exige, como afirma Maria Grazia Bianco, «que se viva acolhendo *em curso* a condição de ser criaturas: criadas à imagem de Deus, somos chamadas a reconstruir em nós a semelhança com ele, através de escolhas concretas da vida cotidiana».

Nesta linha, Pina del Core sustenta que a formação é um processo evolutivo e vital que leva em consideração, em uma relação interdependente, o aspecto do crescimento e do desenvolvimento, a correção dos traços evolutivos não adequados e o tamanho da proposta.

"O futuro da vida consagrada depende da capacidade dinâmica que terão os Institutos na formação" (*Instrumentum Laboris 86*, Sínodo VC 1994).

Esta exortação permite-nos vislumbrar o papel central da formação para a vitalidade da VC hoje e amanhã. Como organizar tal formação para que se torne de fato um espaço estratégico significativo neste tempo tão complexo e de grandes mudanças? Quais instâncias formativas hoje para preparar o futuro?

Em uma conversa com Ir. Marta, monja Carmelita, surgiu esta última pergunta, à qual ela respondeu: «Vislumbro a necessidade de estimular o *sentido da busca* tanto na formação inicial como na permanente, capacitando o sujeito a recolocar-se continuamente na questão a fim de não cair na rotina. Isto acarreta o exercício de *interiorização* para poder gradualmente ir assimilando os valores propostos confrontando-os com a realidade pessoal, suas potencialidades e limites. Além disso, penso ser indispensável a capacitação para *educar-se à autoformação* num confronto crítico com os desafios que a cultura contemporânea nos propõe, cultivando uma atitude de *curiosidade intelectual* porquanto acredito que, se não se pesquisa, torna-se estéril. Isto é verdadeiro para mim no mosteiro como o é para vocês na vida apostólica».

Uma FMA que trabalha com a pastoral confirma a necessidade de "ajudar as pessoas a tomar consciência de que são *portadoras de um saber e de um saber fazer*. Portanto, desencadear o dinamismo da *autoformação*. Além disso acho fundamental cultivar a reflexividade que leva a buscar o sentido profundo daquilo que se faz e, sobretudo, educa para saber *aprender a partir da experiência*".

Uma outra FMA com muita experiência no âmbito formativo, põe em relevo a necessidade de criar as condições para que as pessoas possam assumir *a responsabilidade da própria formação contínua*.

A consonância destas respostas nos faz perceber a importância e a centralidade de algumas instâncias: a formação permanente como horizonte, a formação como caminho de vida e de crescimento pessoal no interior da comunidade.

Isto acarreta, segundo Del Core, a necessidade de levar em consideração alguns *nós críticos* que me limito a citar remetendo à fonte:

- Ajudar as pessoas a crescer na própria identidade pessoal, cultural e vocacional, desenvolvendo uma pertença à comunidade derivada da consciência de participar da mesma vocação e de trabalhar na mesma missão.
- Implementar a comunicação dos valores através das experiências para que seja *sapiencial* e suscitadora de significados e de motivações.
- Organizar o acompanhamento formativo como um ministério de modo a criar as condições que facilitem a dinâmica da confiança e poder contar com adultos responsáveis e livres.

Para aprofundar:

BIANCO Maria Grazia, O itinerário formativo, em Aa.VV., Como fermento na massa. A formação em um mundo que muda, Milano, Paulinas 2003, 87-117.

DEL CORE Pina, Construir o futuro. O projeto formativo das FMA, Leumann (Torino), LDC 2000.

ALDAY Josu M., Caminhar na esperança. Itinerários formativos para a segunda e terceira idade na vida consagrada, Madrid, Publicaciones Claretianas 2009.

ARNAIZ José Maria, Por um presente que tenha futuro. Vida consagrada hoje: mais vida e mais consagrada, São Paulo, Paulinas 2005.

ECUMENISMO

Ecumenismo e Vida Religiosa – Bruna Grassini

A formação ecumênica é um processo de aprendizagem destinado a todos os cristãos. Expressão e fruto de profunda espiritualidade. A voz da Igreja é um imperativo categórico: “Caminhar para a unidade visível... e buscar o encontro, superando preconceitos e dificuldades”. O objetivo da unidade dos cristãos ainda está longe de ser alcançado. No entanto, é uma prioridade. “A Igreja deve encontrar a sua unidade irradiando a fraternidade e a paz”. (Card. W. Kasper, Consagração e ecumenismo espiritual)

A urgência de relançar o diálogo ecumênico é perceptível aos nossos olhos, dizia o carmelita Jesus Castellano Cervera. É isto que a Igreja nos pede na exortação apostólica “Ecclesia in Europa”. Solicita-a, a situação atual do mundo em que se torna sempre mais urgente o testemunho dos cristãos.

Hoje ocorre uma reevangelização pessoal e comunitária na “reciprocidade”.

O compartilhamento das próprias tradições comunitárias e as experiências espirituais nos unem e nos enriquecem reciprocamente: constituem a realidade de um amor vivido, doado e acolhido. Constituem um passo necessário no caminho a ser percorrido em busca da unidade: «não se trata apenas de uma troca de ideias, mas, seja como for, de uma troca de dons. Por isso o diálogo ecumênico tem uma importância essencial para o bem comum: rezar juntos, examinar a fidelidade à vontade de Cristo a respeito da Igreja, empreender com vigor a renovação». (cf U.U.S. n. 28-32).

Em um convênio promovido pela USMI em Roma, sobre o tema “Vida Religiosa e Ecumenismo” emergiu uma sensibilidade eclesial nova através de uma evangelização mais viva, uma vontade de caminhar corajosamente com a Igreja e de contribuir para a promoção ecumênica.

O diálogo, dizia o Papa João Paulo II, não se desdobra exclusivamente em torno da doutrina, mas envolve a pessoa inteira. A ação de Deus nos irmãos, nas irmãs, faz-nos descobrir a riqueza de Cristo, sua beleza, a força do seu amor. Em outras palavras: fazer-se profecia de reconciliação entre os discípulos de Cristo, fornecer à Igreja uma nova e propícia força de paz.

O Papa Bento XVI acrescenta que também esta é a resposta a uma especial vocação de consagração.

Além disso o Concílio Ecumênico sublinhou categoricamente a necessidade de que os católicos «com alegria reconheçam e apreciem os valores cristãos que também se encontram nos nossos irmãos separados».

João Paulo II, em um encontro de Religiosas e Religiosos na Basílica de S. Paulo fora dos muros, declarou ainda: «A aspiração à unidade significa mudar o nosso modo de ver, ampliar o nosso horizonte, saber reconhecer a ação do Espírito Santo que age em nós e nos nossos irmãos: descobrir rostos novos de santidade, abrir-nos a aspectos inéditos do empenho cristão».

Mártires pela unidade

Padre Rageed celebrou sua última Missa no domingo depois de Pentecostes. Ao voltar da Paróquia, ele com três subdiáconos foram assassinados, no Iraque.

Tinha 35 anos. Formado em engenharia, em Mosul. Em 1996 estudou Teologia em Roma no Angelicum, na Universidade Pontifícia Santo Tomás, onde havia conseguido a licenciatura em “Teologia Ecumênica”. Era correspondente da Agência Internacional “Ásia News”, da Pontifícia Missão Estrangeira.

A Igreja caldeia chora estes irmãos mártires.

O Papa Bento XVI, prostrado pela dor, lembra: «O nosso irmão Rageed, uma das testemunhas mais límpidas e corajosas de vida cristã, ofereceu-se num dos países mais turbulentos. Depois de ter alimentado os seus fiéis com o Corpo e o Sangue de Cristo, deu sua vida pela unidade do Iraque, do mundo e pelo futuro da sua Igreja».

Todos os consagrados hoje devem, por vocação, sentir no coração o mesmo desejo ardente de Jesus: “Que todos sejam um”.

O Cardeal Messner afirmava: «Ocorre uma nova evangelização pessoal e comunitária, uma ajuda recíproca entre as igrejas, um olhar mais aberto, mais profundo: viver a reciprocidade». É a estrada mestra da espiritualidade. É esta a via privilegiada do ecumenismo, do diálogo, onde a escolha é apenas dom.

Ir. Maria Gabriella Sagheddu, da comunidade trapista de Vitorchiano, viveu e ofereceu a sua vida pela “unidade dos cristãos”. Foi beatificada por João Paulo II em 1983, na festa da Conversão de São Paulo, o apóstolo dos gentios. Desde 2001 existe no mundo a Fraternidade Ecumênica de Maria Gabriella, fundada por um pastor calvinista. «Transmitimos a nossa paixão ecumênica a outras comunidades», disse a Madre Abadessa do mosteiro. Hoje existem sete mosteiros cistercienses em diversas partes do mundo onde as religiosas rezam e difundem a espiritualidade da Beata Maria Gabriella.

No ano do grande Jubileu, João Paulo II exortou-nos a abrir os olhos e o coração para os “Novos Mártires”. Estiveram entre nós, compartilharam a fé: eles são a força da igreja do 2000. É preciso estender o nosso olhar sobre esta realidade da história da igreja para contemplá-la, para preencher cada gesto, cada momento de amor. Vocação cristã é viver a Unidade.

FIO DE ARIADNE

Quando não podemos calar – *Giuseppina Teruggi*

Escutar e falar são essenciais à comunicação interpessoal. No processo evolutivo, primeiro aprende-se a escutar, depois a falar. A palavra torna-nos capazes de interagir, de estabelecer relações vitais, de passar para os outros aquele modo de ser único e rico que vive dentro de nós: sentimentos, ideias, lembranças, desejos, a nossa vida profunda. Ser privado do dom da palavra significa sentir-se delimitado de modo doloroso e muitas vezes trágico, na própria identidade de pessoas em relação.

Pessoa, palavra, silêncio

No projeto de Deus a pessoa é pensada como encontro, sujeito de relações, vocação à comunhão. O silêncio é o complemento que fortalece a alteridade e cria o espaço da escuta como

atitude para a realização da comunicação em reciprocidade. Palavra e silêncio são um binômio essencial: para que expressem harmonia, é necessário um uso equilibrado de uma e de outro. Trata-se de compreender e aprender quando é melhor falar e quando é melhor calar para escutar.

É grande o poder da palavra humana, sobretudo quando ela se torna reflexo da Palavra que é Verbo feito carne, amor, vida, relação portadora de salvação.

- A palavra é em primeiro lugar a fonte da percepção de si e da própria identidade e nos revela a nós mesmos. Ao falar, a pessoa experimenta sua corporeidade e ao sentir-se falando descobre-se como valor, como individualidade preciosa. O som da própria voz evoca uma singularidade única.

- A palavra funda a realidade do estar juntos, constrói sociabilidade, cria diálogo. A palavra humana é sempre dirigida a alguém, então, favorece a reunião em grupos, a companhia, a superação das distâncias e da estranheza. Torna-se antídoto da solidão porquanto é o lugar do encontro, da busca e da valorização do outro.

- A palavra é também canal de ideias: favorece a expressão e permite a aquisição de ideias novas. Os estudiosos da linguagem sustentam que a palavra é fator poderoso de aprendizagem e de desenvolvimento intelectual, desde os primeiros anos de vida.

- A palavra permite conservar o contato com a realidade, tornar claro o que é duvidoso ou ambíguo, reviver situações e memórias do passado.

O poder da palavra é tão grande que chega ao ponto de marcar uma virada decisiva no curso de uma existência, criar felicidade ou provocar desespero. Há, de fato, uma palavra que constrói e uma outra que abate; uma palavra que dá vida, e uma outra que a sufoca; uma capaz de acender a luz e outra que a apaga; uma que tem o poder de curar e outra de envenenar a alma. Há a palavra justa e a errada, boa ou má, oportuna ou inadequada. Com consequências, algumas vezes pesadas. É grande a sabedoria, sempre invocada, de empenhar-se em bem-falar e distinguir quando é oportuno falar e quando é melhor escutar. E compreender qual é o tempo em que não se pode calar.

Tempo de parrésia

É comum topar com palavras novas, pouco usadas. A reação imediata é assumi-las porque são significativas, ou rejeitá-las considerando-as um simples modismo. Lendo as circulares de Madre Antônia Colombo, publicadas recentemente, surpreende-nos a volta do termo *parrésia*. E nos convencemos de que não é palavra obsoleta e nem mesmo modismo quando descobrimos o seu sentido e a sua grande atualidade.

A palavra parrésia é mencionada pela primeira vez na literatura grega (Eurípides – V século antes de Cristo), até os textos patrísticos (João Crisóstomo cita-a pela última vez no século V d. C.). Desde então na literatura perdem-se os seus vestígios. Parrésia significa “dizer a verdade” o que requer a coragem de afirmar aquilo que é verdadeiro mesmo diante de qualquer perigo. Dizer a verdade torna-se, na sua forma extrema, uma escolha de vida ou de morte. Não se trata sempre, todavia, de arriscar a vida. Está exprimindo a parrésia, por exemplo, alguém que ao ver uma pessoa amiga cometer um erro aceita incorrer em sua ira dizendo-lhe que está errada. Falando, não arrisca a vida, mas pode irritar o amigo com os seus realces, e conseqüentemente a amizade pode ressentir.

Os antigos gregos haviam estabelecido que para dizer a verdade ocorre “dizer tudo” o que se tem em mente porque na parrésia supõe-se que não haja diferença entre o que se pensa e o que se diz. Exatamente o contrário do comportamento de Ulisses, que os gregos denominam *astúcia*. À luz da cultura de hoje, sabemos que “dizer tudo” nem sempre é meritório, pode ser um mau uso da parrésia que, na ótica cristã, tem como alternativa um silêncio, não de conveniência. Para um emprego correto da parrésia é necessário que quem recorre a ela possua qualidades morais e sobretudo a coragem de correr um risco ou um perigo decorrente do que diz, e não ter medo de perder a popularidade. A primeira parrésia é utilizada no confronto consigo mesmo: dizer a verdade para si é ter uma atitude de “autocrítica”, é investigar as próprias sombras, as profundezas da própria alma, o conhecimento objetivo de si mesmo.

“Quem pratica a parrésia demonstra ter uma ligação específica com a verdade através da franqueza, um incontestável compromisso com a vida através do risco e do perigo, uma

comunicação autêntica com os outros e consigo mesmo através da crítica e da autocrítica, uma ligação significativa com as leis morais através da liberdade e do dever de dizer a verdade. Nasce então aquele cidadão que é livre porque escolhe falar com franqueza..., escolhe a verdade em vez da falsidade ou do silêncio, o risco em vez da segurança de vida, a crítica em vez da adulação, o dever moral em vez da própria vantagem ou da apatia moral" (Michel Foucault).

Audácia evangélica

Ao apresentar a encíclica "Fides et ratio" na universidade Urbaniana de Roma, o cardeal Joseph Ratzinger falou de *parrésia da fé* e revelou que "num clima em que o atual catolicismo arrisca ser muito aquiescente diante da cultura comum dos valores e dos direitos do homem, João Paulo II reivindica à fé o direito e o dever de falar com vigor e com clareza, de anunciar Cristo como verdade última e definitiva do homem e do mundo: com parrésia, precisamente".

A partir do evento de Pentecostes, a igreja amadureceu a consciência de ter um papel ativo na sociedade e no mundo, com o empenho de falar do Deus de Jesus Cristo. Particularmente, desde o último Concílio, reforçou-se na igreja a convicção da estrita relação entre a mensagem cristã e a contemporaneidade também no seu importante e delicado papel crítico diante da sociedade. Urge o dever do anúncio da mensagem de Jesus hoje de modo particular: é uma prioridade para os crentes e para nós, mulheres consagradas, chamadas *in primis* ao anúncio, como as mulheres na madrugada da ressurreição. Somente *uma palavra livre* é capaz de impressionar o homem e a mulher de hoje, desafiando os riscos que a evangelização comporta.

O CG XXII sublinha a necessidade de "redescobrir a audácia missionária do *da mihi animas...* (Atos 38.4)" e nos orienta a "anunciar Jesus às jovens e aos jovens, acompanhá-los ao encontro com a sua pessoa, ao empenho apostólico e à descoberta do projeto de Deus sobre suas vidas (Atos 39.5)".

Ousar e mudar

Hoje somos convidadas a ser criativas e audazes, atitudes que se traduzem numa linha de ação que implica saber ousar e estar dispostas a mudar. Como e o quê? É um desafio que nos compromete a dar respostas concretas, não genéricas nem parciais. Sobretudo respostas pessoais, comunitárias e contextualizadas, que abram a processos praticáveis. É o caminho que cada FMA e cada comunidade estamos procurando implementar.

Madre Yvonne, na saudação final da assembleia capitular, evidenciou que acolhemos "com consciência renovada o chamado a testemunhar a radicalidade do seguimento de Jesus, para ser memória vivente do carisma, acreditando no dom e na responsabilidade dos leigos e das leigas que gradualmente podem chegar a assumi-lo como espiritualidade, modo de ser e método de educação. As relações entre as diferentes vocações na comunidade educativa podem constituir para nós um convite à autenticidade e à coragem apostólica.[...] O carisma requer pessoas apaixonadas, canais eficazes para ser comunicado e compartilhado, de modo a expressar o seu potencial. Se o fogo do carisma é forte, o vento das dificuldades não vai apagá-lo, mas alimentá-lo e difundi-lo".

É análoga a reflexão do Reitor-Mor, Dom Pascual Chávez, na homilia de abertura do CG XXII: "O cristianismo, nossa fé, nossa vida salesiana, não pode acreditar nas soluções fáceis, nos compromissos, nas concessões benévolas, nas piscadelas equivocadas, no jogo de equilíbrios, para remediar os vazios. Justamente porque hoje a relevância da fé depende da sua identidade e não do grau de acolhida social, acreditamos na necessidade de um empenho sempre mais árduo nesta linha. Ocorre *jogar para cima e ousar a clareza*, ou seja, dizer abertamente quem somos, o que queremos, o que pedimos, sem atenuar as pretensões e exigências".

ENCARTE DMA

O rastro

A felicidade não está no que temos, mas no que somos e sabemos.

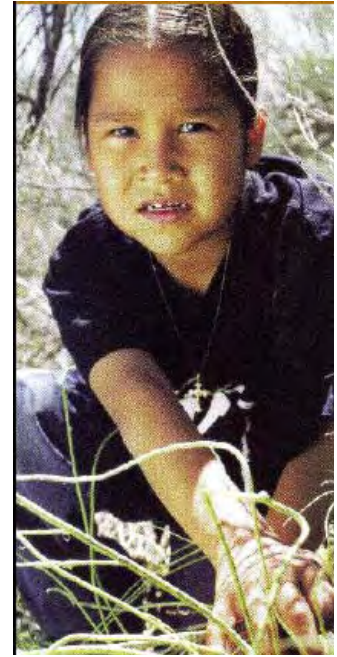
Procuramos contentar-nos com o que já temos e ao contrário não contentar-nos com o que sabemos. De fato, quanto mais se sabe melhor se é.

Buscamos ver o lado positivo de uma situação e lembrar que para cada problema há uma solução, basta procurá-la.

É óbvio que sozinha não posso mudar o mundo, porém posso deixar um rastro, um sinal.

Transmitindo os sinais para as gerações o mundo mudará, aos poucos.

Camila, 12 anos



Os últimos serão os primeiros

Os olhos amendoados, as mãos gordinhas, as bochechas, são os sinais que levo comigo porque nasci com síndrome de down. Meninos e meninas com a minha doença, sempre houve em todas as partes do mundo. [...] O meu rosto é diferente dos demais, assim o compreendi pelo olhar dos outros. Os meus pais me defendem, estão atentos ao que convém para mim, respeitam a minha pessoa.

Desde pequenina (agora estou com 11 anos) procuraram convencer-me de que sou a mais bonita das minhas companheiras. Mas como acreditar nisso? É verdade? Papai disse que no mundo muita gente acha errado apenas o que é diferente. Quem é diferente sofre constantemente e não é aceito.

Querido Jesus, você que sofreu tanto pode certamente compreender-me. Qual será o meu futuro? Não sei. Felizmente tenho um irmão excelente, Alessandro, que me quer bem e jamais me abandonará, como prometeu à minha mãe. Caro Jesus, para suportar a vida, repito sempre para mim mesma aquilo que você disse: os últimos serão os primeiros. Pergunto-me, com frequência, se eu sou a última, quem são os primeiros?

Jamais serei uma pessoa aceita pelos outros, poderei confiar nas pessoas e não sofrer mais como me tem acontecido?

Diletta, 11 anos

Fonte: Pansa Francesca, Um mundo perfeito, Milão, Sperling & Kupfer 2008

As mulheres e o desemprego

A crise econômica global tem suas consequências que podem comprometer os resultados obtidos no domínio do emprego das mulheres.

Segundo uma análise da Organização Internacional do Trabalho (ILO) 22 milhões de mulheres poderiam perder o seu emprego no ano em curso, fazendo subir a taxa de desemprego feminino para 7,4%.

As únicas regiões em que a taxa deveria ser menos negativa para as mulheres são a Ásia oriental, os Países do Sudeste Europeu, a Rússia em que as desigualdades de gênero já eram menores, em termos de oportunidade, antes da crise atual.

Fonte: ComboniFem 05.09.4

COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

A economia alternativa para a igualdade das mulheres – *Mara Borsi*

Os artigos precedentes, ilustrando experiências e projetos concretos de microcrédito, procuraram mostrar como tal proposta é uma grande oportunidade para sair da pobreza, sobretudo se ao microcrédito correspondem intervenções para aumentar o acesso aos serviços sociais básicos, combinação melhor definida com o termo microfinança que prevê não apenas operações de crédito mas também de poupança, formação e assistência técnica.

A economia globalizada exige uma competitividade sempre maior, uma crescente flexibilidade da produção e dos recursos humanos correspondente a uma implacável precariedade. Esta atinge as pessoas menos qualificadas, com menor acesso à formação e que na maior parte dos contextos são mulheres. É importante ter presente que as mulheres dispõem de menor flexibilidade devido à responsabilidade do trabalho doméstico. O papel que é dado à economia na sociedade globalizada continua sendo o problema central. Já foi constatado que só o desenvolvimento econômico não determina automaticamente uma qualidade de vida melhor e igualitária para as pessoas.

Prospectivas de mudança

Os esforços para mudar a rota, como indica o documento *Cooperação e desenvolvimento* das FMA, deveriam ter em mira recolocar no centro das atenções, as pessoas: os homens e as mulheres. A economia deve voltar a ser um instrumento que favoreça o *empowerment* das mulheres e não o seu empobrecimento, submissão, segregação. Deste ponto de vista é importante favorecer a erradicação dos preconceitos de gênero que cada cultura possui no próprio contexto. Seria necessário começar a planejar uma economia que além do lucro leve também em consideração a aptidão, tornando visível e reconhecida a sobrecarga de trabalho doméstico e comunitário que as mulheres desenvolvem, evitando reduzir os custos sociais da saúde, educação, serviços de apoio. Quando o Estado realiza cortes de gastos assim que as listas são feitas, são as mulheres que se aborrecem. A economia solidária é um universo heterogêneo de práticas sociais que pela sua capacidade revelada de perdurar e de reproduzir-se, pela expansão mundial crescente, pela grande quantidade de população envolvida, constitui uma das experiências vitais da sociedade atual. Sendo descentralizada, favorece, de um lado, a eliminação dos monopólios e do outro, o envolvimento das comunidades locais e o protagonismo das mulheres. No interior dos mecanismos que regulam este tipo de economia é necessário garantir às mulheres uma presença real e concreta. Promover a economia solidária na ótica do gênero significa facilitar a auto-organização e a autogestão dos grupos femininos. Grupos que, precisamente no desenvolvimento do microcrédito, encontram uma fonte confiável para a luta contra a pobreza. Não é fácil dizer quando nasceu o microcrédito. Em 1800 experiências semelhantes já haviam acontecido em diversos continentes; em tempos recentes Muhammad Yunus, fundador da Grameen Bank (Bangladesh), tornou-o famoso. Hoje, na era da Web 2.0 espera-se um ulterior desenvolvimento e o aumento da potencialidade deste instrumento tão simples.

O microempréstimo na Web 2.0

Hoje não é necessário ser um instituto financeiro, um banco e nem mesmo uma ONG para investir em projetos nos Países em via de desenvolvimento: todos podem fazer isso de sua casa. *Kiva.org* é um dos mais famosos *social network* para empréstimos entre iguais. Inspirado na

Grameen Bank, *Kiva* é um lugar virtual onde credores e devedores encontram-se para trocar recursos econômicos e apoio. Os membros do *network* publicam os seus projetos no site *Kiva* e os emprestadores acompanham o seu desenvolvimento através de um diário na Internet. Na maior parte dos casos os empréstimos são pequenos, de poucas centenas de dólares a alguns milhares; cada emprestador deposita a cota de 25 dólares. O credor escolhe nas páginas do site qual atividade financiar e com que importância. *Kiva.org* transfere a soma a um *partner* local, que por sua vez o dá à pessoa que deve ser financiada.

Periodicamente o contato local *Kiva* recolhe os reembolsos do financiamento e as notícias sobre o desenvolvimento do projeto financiado, informações que são enviadas a todos os credores. Uma vez extinto o débito por parte da pessoa que recebeu o financiamento, *Kiva.org* põe o dinheiro à disposição do credor que pode decidir recebê-lo ou investi-lo em um outro projeto. Nascido de uma ideia de Matt e Jéssica Flannery, depois de uma viagem à África, hoje tem uma média de 8 mil novos emprestadores por semana. Já financiou mais de 18 milhões de dólares e está em contínuo crescimento. Existe um site italiano de amigos Kiva: www.vivakiva.org.

Najda Kosumi é uma garota de Tirana (Albânia), de religião muçulmana. Trabalhava em uma oficina de corte e costura, onde era explorada com um horário de trabalho desumano e um salário baixíssimo. As FMA procuravam uma professora de corte e costura e assim lhe ofereceram para trabalhar nos cursos promocionais para as meninas da aldeia. No momento em que se apresentou a possibilidade de uma microeconomia as FMA pensaram em Najada porque ela sempre se mostrou séria e responsável. Depois de muitos encontros, pesquisas e acompanhamentos foi elaborado um projeto de microeconomia no âmbito de corte e costura. Atualmente, Najada já fez crescer a pequena microempresa no centro de Tirana, produz peças de roupa sempre com maior segurança conseguindo boa demanda do território, é hábil no ensino às jovens com as quais entra em contato. Najada é serena e até encontra tempo para escrever poesias.

PASTORALMENTE

Os jovens cada vez mais distantes da fé?

Mara Borsi e Emilia Di Massimo

É a pergunta inquieta sobretudo de quem quer comunicar aos jovens as razões da esperança no Deus de Jesus Cristo. De algumas décadas para cá a paisagem sociorreligiosa mudou muito e está em constante evolução, com um crescente pluralismo, devido à propagação de grupos e movimentos espirituais. Hoje os adolescentes e os jovens crescem num ambiente em que a cultura religiosa não ocupa certamente o primeiro lugar.

Na maioria dos contextos a fé cristã não está em primeiro plano, antes, podemos afirmar que se encontra em uma posição minoritária. Todavia as jovens gerações estão em busca do sentido que devem dar à sua vida e propõem perguntas fundamentais sobre a existência apesar de um grande número deles, sobretudo dos que moram nos contextos mais desenvolvidos busque a emoção e a aventura radical, porque a vida ordinária não lhes apresenta atrativos.

Como educar os jovens à fé? Como alcançá-los? Como avaliar as novidades com as quais devemos confrontar-nos? Basta folhear as revistas culturais, informativas, ler pesquisas que nos colocam defronte a afirmações como: as mentalidades se secularizaram, a memória cristã se enfraqueceu, a prática religiosa continua a diminuir. Para alguns a religião é um assunto do passado, para outros, uma opção pessoal que se quer manter e conservar no segredo da própria consciência.

Não é possível crer e viver como cristãos sem o conhecimento e a interiorização das histórias que narram as ações de Deus. A fé cristã apoia-se sobre a convicção de que Deus não se revela somente no núcleo interior da pessoa ou do cosmo, mas primeiro, na história através da sua

palavra dirigida à humanidade, especialmente na experiência do povo de Israel e de modo único, definitivo e insuperável na pessoa de Jesus.

Quem deseja saber quem é Deus, qual é o seu projeto sobre a pessoa, para a pessoa e o cosmo é chamado a confrontar-se com a história da salvação narrada pela Sagrada Escritura. Portanto, a identidade daquele que crê, é construída em contato com “histórias criadoras”.

Tempos difíceis

Madre Teresa de Calcutá afirmava que os tempos difíceis podem revelar-se como os tempos mais evangélicos. O que importa fazer na situação em que nos encontramos? Bento XVI está traçando um caminho muito preciso, em nível pastoral o seu diálogo com a cultura contemporânea é constante e orienta a ficar atentos àqueles aspectos culturais que assinalam a sociedade mundial e que modificam notavelmente a relação com o fato religioso. Estes aspectos representam ao mesmo tempo uma ameaça e um fato favorável ao despertar da fé e à sua comunicação. Tais elementos já esboçam o perfil da Igreja deste novo século.

A educação à fé no contexto contemporâneo não é em primeiro lugar uma questão de meios dos quais dispor, mas uma questão de fonte a ser achada. É importante o retorno à fonte da fé. A fonte encontra-se nas pessoas, nos momentos essenciais da vida. Impõe-se a atenção ao poço secreto que cada qual traz no mais profundo de si mesmo. Este modelo de fonte é o que a Bíblia sugere para os tempos de incerteza, de escuridão. Os profetas, no tempo do exílio e do retorno do exílio, falavam na perspectiva de um “retorno à fonte”, anunciavam que Deus renovaria a sua aliança a partir do coração das pessoas.

Os jovens de hoje descobrem a fé nos trechos da estrada percorridos em companhia de outros crentes que conhecem Jesus ou que o buscam, o descobrem presente no concreto de sua vida, partindo dos problemas do momento, de uma página da Escritura, de acontecimentos inesperados e crises cotidianas, das paixões e das belezas do mundo.

Trata-se mais de sugerir itinerários de vida, do que programar atividades.

Como fazer beber a quem não tem sede?

“Como fazer beber um burro que não tem sede? E, falando com respeito, como infundir a sede e o desejo de Deus em quem o perdeu? Naquele que se contenta com a cachaça ou com o whisky, com a televisão ou com o carro? Com pancadas? Mas o burro é mais teimoso que o nosso bastão. Além do mais, este antigo método é considerado muito autoritário pelos educadores de hoje. Fazê-los comer sal? Pior ainda. É um sistema que se assemelha às torturas psiquiátricas.

Como então fazer beber este burro respeitando a sua liberdade? Há uma única resposta: encontrar um outro burro que tenha sede e que beberá por longo tempo com alegria e com volúpia, ao lado do seu similar. Isto, não para dar o bom exemplo, mas porque fundamentalmente, verdadeiramente, simplesmente, eternamente, ele tem sede.

Um dia talvez o seu companheiro, tentado, se perguntará se não faria bem em mergulhar também ele a cabeça no balde de água fresca. Homens e mulheres sedentos de Deus são mais eficazes que tantas palavras ditas sobre Ele” (cf *Parábolas e fábulas*, de Jaques Loew).

mara@cgfma.org
emiliadimassimo@yahoo.it

POLIS

A fome esquecida – Anna Rita Cristaino

O relatório anual da FAO lembra-nos o fato a cada ano, para estar atentos à chaga da fome no mundo. Segundo as estimativas, em 2009 passaram fome cerca de um bilhão e 20 milhões de pessoas. Num mundo globalizado, em que se negocia tudo, ainda não

se consegue pôr em comum a produção de alimentos que em alguns países é excessiva e em outros inexistente.

Encontrando irmãs que voltam à Itália depois de ter morado durante anos nos países onde o problema da fome é enfrentado todos os dias, uma das primeiras coisas que as surpreende é a excessiva atenção que nós damos à comida.

A “boa cozinha” está se tornando uma ideologia. A nota guia *Michelin* (série de publicações anuais, voltadas ao turismo e à gastronomia, editada pela empresa francesa Michelin) que coloca estrelinhas para indicar qualidade, parece ter mais poder do que os homens políticos ou os empresários. Há cozinheiros que fariam tudo para ser citados naquela guia.

Alguém percebeu que já começam as trapaças. Há uma grande rede de negócios por detrás dos grandes restaurantes que atraem turistas ricos, amantes do orgulho de comer deliciosos pratos especialmente preparados para eles.

O alimento não é mais visto como um meio necessário à subsistência saudável das pessoas, mas é um prazer, uma filosofia, um rito ao qual se sacrifica tempo e dinheiro. O alimento é fruição e, como todo prazer, traz consigo sentimentos de culpa que são abafados com dietas férreas e atividades motoras exageradas.

Quando um rapaz ou uma moça não são bem acompanhados em suas crises de adolescência, frequentemente manifestam sua insatisfação com os distúrbios na alimentação: anorexia ou bulimia.

Existe uma parte do mundo atual que parece atravessar coletivamente esta crise de falta de sentido e de busca da própria identidade e que se refugia no comer: Há os que buscam nos antigos sabores dos agricultores as próprias raízes culturais que em um elenco de recíproca contaminação entre culturas já parecem perdidas. Há os que escolhem um estilo alimentar como resposta a uma necessidade religiosa e espiritual (os vegetarianos, os que comem apenas produtos biológicos, etc.). Há os que são obcecados constantemente pelo “problema do comer” ou comem demais ou comem muito pouco.

Em alguns países as prateleiras da cozinha são abarrotadas de produtos que jamais serão consumidos. Muitos deles são comprados por modismo, porquanto ao olhar a publicidade vem o desejo, mas depois, como em outras experiências da vida, são provados e deixados de lado, talvez até à data de validade, que livra a consciência de precisar jogá-los no lixo.

Mas não é assim em toda parte

Sem querer cair numa fácil retórica, percebemos que os que vivem nos países mais pobres são propriamente os que pagam os desejos e as vontades dos que vivem nos países mais ricos.

Voltando ao relatório FAO, lê-se que o número dos subnutridos no mundo nunca foi tão alto: uma em seis pessoas, passa fome. No entanto na mesa do mundo haveria alimento e lugar para todos. O problema da crise não é a escassez dos recursos, mas ao contrário, uma abundância mal gerida. Somente uma nova ética social baseada sobre os valores da solidariedade e da comunhão, da justiça social e da sobriedade do próprio estilo de vida, poderá dar respostas responsáveis aos que têm fome.

Em 2009, 100 milhões de pessoas a mais, relativamente ao ano passado, não dispuseram de alimento suficiente para sobreviver.

Em geral a população subnutrida vive em Países em desenvolvimento, sabe-se contudo que 15 milhões de pessoas que não têm alimento suficiente, vivem em Países desenvolvidos e ricos.

O aumento da fome não é consequência de colheitas escassas. Segundo a FAO ela é provocada pelo entrelaçamento de mais fatores particularmente graves: entre 2006 e 2008 os preços tiveram um aumento que os pobres não são capazes de suportar; a crise está atingindo contemporaneamente vastas áreas do globo tornando pouco eficazes as escolhas políticas locais como, por exemplo, «a desvalorização da moeda, o endividamento ou o aumento das ajudas oficiais ao desenvolvimento», «o fato de que os países em desenvolvimento estejam mais

integrados na economia mundial com relação ao passado faz com que eles fiquem mais expostos às mudanças nos mercados internacionais». Uma baixa da demanda ou da oferta global repercute imediatamente sobre os Países mais pobres.

Uma questão de segurança

A crise atingiu todas as economias mais avançadas mas de que modo os pobres estão enfrentando a crise?

Para a FAO, «diante do aumento do desemprego, diminuição dos salários e redução da demanda de trabalho, as famílias procuram obter renda emigrando, vendendo propriedades de bens como o gado, endividando-se, ou inserindo-se em novos tipos de atividades econômicas».

Mas as consequências sociais custam grandes sacrifícios: as mulheres entram no mercado de trabalho e as crianças são obrigadas a trabalhar para aumentar a renda familiar. Ainda mais. Os pobres compram alimentos mais econômicos e com alta cota calórica como o trigo, reduzindo o consumo de alimentos mais caros, nutritivos, alimentos ricos em proteínas como a carne, os laticínios, a fruta e a verdura. As mães pobres reduzem os cuidados sanitários para si e para suas crianças e a marginalização enfraquece a coesão social e a ajuda da comunidade de pertença. Para agravar a situação note-se um outro aspecto: as manobras financeiras sobre a alimentação, que frequentemente geram especulações, não têm nenhuma regra estabelecida capaz de tutelar a vida dos mais pobres.

Josette Sheridan do *World Food Programme*, numa entrevista em que lhe era pedido para comentar os dados FAO, afirma: «A segurança alimentar é segurança *simplesmente*. Um mundo faminto é um mundo perigoso para todos». A ela faz eco o gerente da Fao Kostas Stamoulis que declara: «Trata-se de um contraste insuportável porque grande parte do mundo goza de uma riqueza sem precedentes, mesmo no meio dessa recessão, enquanto as vítimas da fome alcançam um recorde histórico».

«Esta crise – adverte o diretor geral da FAO Jacques Diouf – ameaça seriamente a paz mundial». Há um ano atrás nesta época vastas metrópoles dos Países em desenvolvimento eram perturbadas pelas revoltas pelo pão e pelo arroz, do Haiti a Jacarta. Mais do que os camponeses, o elo frágil desta emergência são as castas pobres concentradas nas zonas urbanas, incapazes de refugiar-se numa economia de subsistência. É ali que se abrigam os focos de tensão mais explosivos. O único raio de esperança, segundo a FAO, é que os altos preços agrícolas deem uma sustentação a milhões de camponeses pobres, incentivando o aumento da produção. Infelizmente, com o pretexto da recessão, também as ajudas do Norte e do Sul estão em baixa.

A “fronteira da fome” está situada pelos peritos da FAO em 1.800 calorias ao dia. Abaixo deste nível de nutrição os danos à saúde são frequentemente irreversíveis. O Banco mundial estima que até 2015 morrerão de 200.000 a 400.000 crianças a mais por ano. 40% das mulheres grávidas nos Países pobres são anêmicas, portanto dão à luz, bebês mais vulneráveis às doenças. O número de crianças abaixo do peso aumentará de 125 milhões, no próximo ano.

A geografia da má-nutrição fica desequilibrada. Em primeiro lugar vem a Ásia-Oceania, com 642 milhões de pessoas abaixo do limite da fome: um número impressionante que, porém, é contado numa população de quatro bilhões. Na África sub-saariana há 265 milhões de famintos, um terço dos habitantes. Seguem a América latina com 53 milhões, Norte da África e Oriente Médio com 42 milhões. São 15 milhões os europeus e os norte-americanos que sobrevivem com dificuldade, vítimas de uma invisível carestia em meio ao bem-estar. www.fao.org

Hikikomori: o mundo em uma estância

Maria Antonia Chinello e Lucy Roces

É um fenômeno que vem do Japão, mas já existem os primeiros casos também no Ocidente: rapazes isolados durante anos, fechados em um quarto entre tv, celular, computador e videogames: substituem a vida real pela virtual. Mas Internet e jogos – segundo os pesquisadores – são apenas uma consequência, não uma causa.

Para encontrá-los é preciso procurá-los no seu reino: a Internet.

Hikikomori é uma palavra japonesa e indica o comportamento daqueles rapazes que por anos vivem em casa, sem enfrentar a vida e as relações externas. Apenas a Internet e quadinhos. No Japão constituem um fenômeno cultural e social: ultrapassam um milhão, 1% da população, 2% dos adolescentes. Não existem estatísticas nos outros países, mas a realidade aponta para um aumento na Coreia, USA, Norte da Europa, Itália. São jovens quase sempre «abaixo de 18 anos», ao menos na Itália. Muito inteligentes, criativos, mas introvertidos. Literalmente jovens «em retiro», moços que sem um motivo aparente se fecham na sua estância. A culpa da sua autorreclusão é atribuída às pressões sociais, à severidade do sistema escolar, ao impulso para a aprovação, às mães opressoras, aos pais ausentes, à violência na escola. Tamaki Saito foi o primeiro psicoterapeuta a estudar o fenômeno definido como um distúrbio, não como uma patologia.

Uma motivação para viver

Acontece a todos não ter vontade de levantar-se pela manhã. A tentação de ficar na cama é frequentemente forte. Um caso-limite: um jovem fechou-se na sua estância há 14 anos. Desde então assistiu TV, navegou na Internet e fez minimodelos de automóvel: por bem 13 anos. Metade da sua vida havia se desperdiçado deste modo, quando finalmente decidiu sair.

Segundo alguns estudiosos, para além da cultura japonesa fortemente competitiva com relação às expectativas escolares, pode-se fazer um discurso de gênero. O homem, potencialmente levado a viver “fora de casa” por empenhos de trabalho e de estudo, neste caso inverte a rota: abriga-se entre os muros protetores do ambiente doméstico onde – por estereótipo – reina a figura feminina.

A reclusão voluntária procede gradativamente: do simples “estar no quarto” ao não levantar-se mais, do reduzir ao mínimo os contatos com o núcleo familiar e com os amigos, ao cortar todo tipo de comunicação e de relação. Tudo se torna virtual.

Parasitas sociais?

Depressão, fechamento, instabilidade de humor, precariedade econômica, pressão social e nos ambientes sobretudo escolares. As causas podem ser muitas, sem dúvida todas redutíveis à dificuldade de aceitação de si, de relacionamento, de expressão do próprio eu.

Alguns contextos sociais apostam na obediência, na disciplina, na inibição e na força do grupo. Estes “indicadores” chocam-se com as fragilidades das novas gerações.

É interessante notar que os *hikikomori* não pertencem nem à classe média, nem à classe baixa, nem às famílias provadas pelas dificuldades econômicas e pelo desemprego. Se assim fosse, o processo de reclusão seria de qualquer forma impedido pelos membros da família: onde há perigo de exclusão social, reage-se principalmente para não sucumbir e agravar ainda mais o peso familiar.

Segundo alguns estudiosos, os *hikikomori* poderiam ser reintegrados no tecido social da produção empregando-os na programação e criação de videogames, computer-games, dadas as suas habilidades no âmbito das tecnologias digitais.

Em uma entrevista de 2006 ao New York Times, um *ex-hikikomori* compartilhava seus projetos para o futuro: “Alguns poderiam pensar que sou imbecil, mas gostaria de trabalhar em shows e me tornar cenógrafo” – dizia. “Você pretende também matricular-se em uma universidade?”, perguntou o entrevistador. “São apenas sonhos... pois existe toda a realidade!”, foi a resposta. “Você acredita?”, continuou o jornalista. “Não sei. Poderia ser tarde demais para mim”. Tinha 23 anos.

O desafio educativo

O fenômeno *hikikomori*, aparentemente distante da realidade de muitos contextos sócio-culturais que abarca a realidade do nosso Instituto, também pode ser inscrito no esforço de educar os jovens de hoje. Um desafio – o de não renunciar a educar – que investe e atravessa todos os âmbitos da vida: família, escola, comunidade cristã, trabalho, imprensa, consumo, comunicação de massa, espetáculo, esporte.

No mês de setembro passado, na Itália, foi publicado *O desafio educativo*, um volume elaborado pelo Comitê para o Projeto cultural da Conferência Episcopal Italiana (CEI) que se dirige a toda a sociedade e traça um possível percurso comum para todos os que se sentem preocupados com a “emergência educativa”. Um «Relatório-proposta sobre a educação» que parte da convicção de que o nó é enfrentado a partir da consciência compartilhada porque esta é uma questão que diz respeito a todos.

«Há um problema de vigilância e de acompanhamento – segundo Guido Gili, reitor da Faculdade de Ciências humanas da Universidade do Molise. Os pais devem esforçar-se por aprender a linguagem do mundo digital para nele poder acompanhar seus filhos».

Não só: as competências dos filhos nas *novas mídias* podem propiciar uma espécie de inversão das partes: os jovens “educando” os pais. «A valorização dos interesses e das aptidões do jovem é um fato importante para o aumento da autoestima e pode favorecer um diálogo em que os pais “escutam” os seus filhos sem renunciar à sua função de acompanhamento».

O ponto decisivo não é o fascínio pelas mídias mas a credibilidade dos adultos, com todo esforço que comporta e que, somente ela, a credibilidade, torna possível e persuasiva a educação.

«Hikikomori» do diretor Marco Prati (2006) interessa-se pelo fenômeno da autorreclusão dos jovens. Um rapaz de trinta anos, introvertido e solitário, vive em um pequeno apartamento de uma grande metrópole e trabalha como balconista em uma loja de consumo de eletrônica. No percurso casa-trabalho não vê mais a luz do sol, não tem nenhum contato com o externo. As suas relações interpessoais nascem e terminam nos chat da internet, e tudo o que precisa adquire em Rede ou por correspondência. A sua vida é totalmente vinculada à tecnologia.

No trajeto do metrô vê rostos diferentes, mas que parecem ser sempre os mesmos.

Percebe vozes, frases, expressões, sensações, mas não chega a tirar delas nenhum significado. Certo dia percebe uma moça, sentada exatamente na frente dele. Trocam olhares entre si, analisam-se, é mais curiosidade que atração...

Descem na mesma parada, mas à saída os dois tomam direções diferentes. Para ele volta a ser unicamente um dos tantos rostos do metrô. Em casa tenta procurar a moça na Internet: nos bancos de dados de pessoas, nos sites web para encontros, nos sites de anúncios... Nenhuma tentativa teve êxito: então cai na conta de que aquela moça vive exclusivamente no mundo “real”, e se resigna. Mas casualmente um dia...

A outra Rede: A Open Source na escola

O fenômeno do software OS, das conexões temáticas dos formatos abertos e do acesso e compartilhamento das informações, está revelando-se com dimensões mais consistentes do que a fonte; para os especialistas só poderia fazer pensar.

Além do mais é rico de potenciais valores culturais que ultrapassam os limites do âmbito informático. De fato, a tal fenômeno se ligam temáticas sociais, como o tema da veiculação do saber, das liberdades de divulgação científica dos resultados da busca e o debate sobre questões conexas com a tutela do direito do autor.

O modelo do software OS comporta implicações culturais e não é redutível a fatos meramente tecnológicos. Isto não pode deixar de ter um impacto significativo sobre a relação entre software OS e instrução, seja escolar ou universitária.

A Open Source é adaptada ao mundo da Instrução porquanto:

- Permite aos estudantes aprender mais pois permite “ver dentro” e compreender melhor como funcionam os computadores e os sistemas operacionais;
- Permite alargar a plataforma de aprendizagem dos estudantes favorecendo a formação de competências diversificadas;
- Facilita a reutilização de sistemas hardware em notícias de última hora não presentes no mundo da instrução e ajuda a baixar os custos gerais das entregas hardware e software das escolas;
- Está praticamente isenta de vírus.

Em particular, o estudo, a disponibilidade e a possibilidade de modificar o código original, que está notoriamente disponível no caso de software OS, é tema relevante na instrução.

(Do site do Serviço de Observação tecnológica para a Escola)

ESTANTE SITES – *por Anna Mariani* - comunicazione@fmairo.net

Resenha de sites Web

www.zammerumaskil.com

Zammerù Maskil – Cantai a Deus com arte

Site, criado em 21 de janeiro de 2001 com o desejo de compartilhar via internet algumas composições do autor, sucessivamente enriqueceu-se de material visando ao crescimento cristão em 360 graus. O subtítulo cristão do site é “glória só a Deus”. Nele pode-se encontrar material catequético, reflexões, dicas antropológicas e psicológicas. Uma coleção abundante de material útil para a pastoral, para a formação e para o alimento espiritual nascido da experiência pessoal e familiar na pastoral.

A necessidade de ser presença testemunhal fez nascer a sessão apologética de *esclerose do coração* dirigida aos cristãos e aos não-cristãos.

Ultimamente o site tem sido enriquecido com uma sessão de *Notícias* da Revista de Imprensa Católica aberta às novidades que vão do mundo à pastoral, da ética à catequese.

Atualmente o site é gerido quase totalmente por Paul com a colaboração de alguns amigos e da Associação Cultural Zammerù maskil. Está em 8 línguas: italiano, francês, inglês, alemão, espanhol, português, russo, chinês.

<http://www.lineamissione.com>

italiano – francês, inglês

Site oficial da Associação “Segunda Linha Missionária” – Onlus que, apoiada numa experiência de mais de trinta anos, quer ser um instrumento útil à “Primeira Linha Missionária” que atua nos países pobres do terceiro mundo. Eis o significado do seu nome. O site está em italiano, francês e inglês.

Promotora de numerosas iniciativas no âmbito da própria paróquia e de outras zonas limítrofes, a Associação empenhou-se em diversas atividades de apoio a algumas dioceses de países da África e da Ásia como Madagascar, Senegal, Tanzânia, Uganda, Índia e Filipinas, mas desenvolveu uma relação preferencial com a diocese de Mangochi, no Malavi (África meridional) onde trabalham os missionários monfortinos italianos; um relacionamento que já dura trinta anos, selado em 1982 com uma parceria entre a paróquia de Santa Mônica e a diocese africana.

<http://www.orientecristiano.com>

Editado em italiano, francês, inglês, russo e árabe, o site nasceu de um grupo de amigos católicos que desejam dar voz à riqueza do Oriente Cristão propondo materiais, reflexões, análises e recortes de imprensa como tema. No terceiro milênio a Igreja de Cristo poderá mostrar ao mundo o milagre da sua unidade, graças à poderosa ação do Espírito Santo, ao respirar plenamente “com dois pulmões”, o do Oriente e o do Ocidente. Valem-se do trabalho paciente e cuidadoso dos docentes e pesquisadores do Pontifício Instituto Oriental com os quais criaram em 2008 a Associação “Amigos do Oriente Cristão”, para ajudar a escancarar as portas de tantas Igrejas católicas, ortodoxas, de antigas comunidades orientais que nos reportam ao frescor, às marcas do cristianismo livre e harmonioso do primeiro milênio.

VÍDEO – *Mariolina Parenteler*

Gran Torino - de Clint Eastwood – USA – 2009

Filme definido pela crítica como “A grande obra-prima moral e cinematográfica” do notabilíssimo diretor americano de 78 anos Clint Eastwood.

Gran Torino é uma história humaníssima de amizade comovente que faz pensar em um esplêndido canto do cisne para Eastwood. Em Walt Kowalski – o protagonista do acontecimento otimamente interpretado por ele mesmo – condensou um ícone construído ao longo dos dez anos do seu memorável e nobre profissionalismo. Cinema existencial no sentido mais amplo do termo que ainda uma vez representa o “caminho para o fim” de um herói duro e solitário, e do Sentido – com S maiúsculo – que se quer dar a este fim, a toda uma vida. Pelo modo como faz terminar a história para os personagens e pelos personagens, está implícita uma mensagem de compaixão, de humanismo, de moralidade que não pode ser definida apenas de modo laico, mas profundamente religioso e espiritual. Em Gran Torino – desde o nome de um carro Ford de 1972 em cuja fábrica o protagonista trabalhou durante cinquenta anos e agora esconde na garagem de sua casa na periferia de Detroit tornada gueto de imigrantes – Eastwood enfrenta os temas de vida e morte relatando a parábola de um misantropo entristecido e racista, marcado pela guerra na Coreia. Começa e termina com um funeral. Eastwood prefere que se fale disso como do “seu filme dedicado aos imigrantes”.

Uma obra que a avaliação pastoral propõe como «um palpitante retrato, feito de luzes e sombras, de ódio e de amor e, em síntese, de convicta esperança para o futuro. A ser valorizado como recomendável, problemático e indicado para debates».

O drama que vai além da América

«Um velho operário da Ford encontra-se com os novos imigrantes, mas descobre uma outra verdade – resume a crítica. A história é a obra-prima de Eastwood sobre as injustiças e os deveres dos pais: um drama que vai além da América».

Com uma boa dose de autoironia o diretor coloca-se em cena no menos satisfatório dos modos tornando-se Walt, um veterano da guerra da Coreia, cheio de preconceitos, remorsos, raivas – dentro de um microcosmo, Detroit, que chega a refletir não apenas a América, mas também grande parte do mundo que nos circunda e muitas vezes nos angustia.

Atormentado pela lembrança e recentemente viúvo, vive em uma típica casa unifamiliar no subúrbio americano, em uma zona popular, na qual é um dos últimos remanescentes não asiáticos.

O ódio racista pelo diferente, em particular pelo asiático, torna-o particularmente nervoso e suscetível. Além do mais tem um péssimo relacionamento com os dois filhos. Mitch, o mais achegado, que parece estar mais interessado nos seus bens do que nele em pessoa. Walt é doente (provavelmente tem câncer) mas o que mais o faz sofrer é um conflito interior que somente o jovem padre Janovich parece intuir e tentar compreender. O seu caráter ranzinzo está na origem de uma singular e 'providencial' aproximação à família vizinha, com a qual sempre se absteve de travar relações. Certa tarde o jovem Thao sofre a enésima pressão de um bando de delinquentes, do qual faz parte também um primo dele, que o quer envolver nas próprias atividades criminosas. A irmã Sue, a mãe e até a avó, procuram de todo jeito detê-lo mas os eventos degeneram de tal modo a ponto de obrigar Walt a intervir, envolvendo-se de modo mais determinante, até mesmo sacrificial. O velho solitário acabará por cuidar em primeiro lugar do destino de Thao, o tímido adolescente asiático que se tornará o seu novo filho. O filho ao qual poderá dar o que não deu aos outros dois, encarregando-se de sua educação viril, sentimental e ao trabalho, mas sobretudo ensinando-o o mais importante: o que é a vida e o que é a morte.

Em seguida escolherá tornar-se o seu mais extremoso defensor até decidir pela própria imolação, no final, para garantir-lhe certa abertura em relação ao futuro e à esperança.

«Este é o meu menor filme – disse o diretor em uma entrevista – mas também o mais pessoal. Não é tempo de policiais extremistas, mas de coragem para compreender os outros».

A sua mensagem é clara e dirigida a todos os Walt Kowalski que se sentiram assediados por um mundo em mudança e não conseguiram, ou não quiseram compreender. Uma apologia da não-violência como resposta à feroz brutalidade da rua, mas também um convite à tolerância racial, contra todo preconceito. Finalmente, uma belíssima e magnífica história de redenção.

PARA FAZER PENSAR

A idéia do filme:

- **através da parábola do velho Walt adquirir a idéia de que nunca é tarde demais para aprender, crescer, compreender. Receber iluminação nova e doar-se.**

Clint diz coisas muito importantes com extrema e clássica simplicidade. No seu relato, um engenheiro aposentado, veterano da guerra na Coreia e recentemente viúvo, evoca temas como o racismo, a relação pais-filhos, nada menos que a capacidade de amar. «Com 78 anos, não estaria satisfeito se diariamente não aprendesse algo de novo – confessa apresentando o filme. Pensei o filme como um grande romance de formação, em dois sentidos: nele, não é apenas o rapazinho que “cresce”, mas também o homem no ocaso da vida».

O velho Kowalski dá ao rapaz as chaves de acesso ao mundo dos adultos, mas ele mesmo aprende que se podem ter muito mais coisas em comum com os asiáticos da porta ao lado, do que com os próprios filhos...

O sonho do filme:

- **contagiar com uma mensagem de conversão iniludível: a passagem da intolerância à acolhida, à solidariedade.**

Um filme deveras pungente e necessário. De modo maravilhosamente épico, Clint rosto de pedra, explica algo belo e simples: a aceitação da sociedade multirracial não é fruto de ideologias, mas de uma empenhativa prática cotidiana. E a Comissão de Avaliação Pastoral explicita: «No desenrolar da narrativa, Walt passa da rejeição de tudo e de todos (os que não compram 'americano'), à compreensão, à consciência de dever agir. Faz uma longa viagem interior que progressivamente o leva a escolher dar a vida “por”». O relato inteiro – acrescenta – desdobra-se ao longo de um percurso que evita retóricas escorregadias em favor de uma crônica tensa e enxuta mas nem por isso menos profunda. O script consegue chegar à solução do sacrifício final sem absolutizar o gesto, contrabalançado pela idéia da morte iminente devido à doença. E todavia, a força do exemplo permanece: incisiva e indelével, agarrada àquela «*Ave Maria*» sussurrada baixinho, antes de entregar-se às balas homicidas dos delinquentes.

ESTANTE VÍDEOS - *por Mariolina Parentaler*

HANNAH MONTANA

PETER CHELSOM – USA 2000

«Cada um de nós tem mais facetas: dentro temos aquela que somos, mas também aquela que poderíamos ser se perseguíssemos os nossos sonhos. Se existe mensagem que gostaria de transmitir é que os sonhos podem ser realizados. E você não encontrará mais o seu sonho se ao menos não procurar persegui-lo»: palavras de alguém que, cantando e dançando, tornou-se um símbolo para as adolescentes de todas as latitudes. Fabulosa estrela do rock, fenômeno global desde os oito anos, Hannah é o emblema de uma nova geração. Geração-imagem, mas não só. Porquanto o objetivo é a celebridade, mas pela primeira vez, não a todo custo. Faz um grande sucesso: musical, televisivo, cinematográfico, literário. Protagonista de uma série televisiva prende a atenção de 164 milhões de espectadores. “A minha estrada” (biografia Disney Libri) é um best-seller com 30 milhões de cópias. Com 3 álbuns venceu 30 discos de ouro e de platina. O seu filme – em abril – é acessível em qualquer lugar. Qual o segredo, a fórmula de tanto fascínio sobre as adolescentes do planeta inteiro? «Hannah é uma delas. Estuda, namora, procura o seu caminho, constrói a sua identidade. Eis porque é tão fácil reconhecer-se nela» - explica Francesco Morace, o sociólogo que dirige Future Concept Lab, em Milão. Ele evidencia de que modo Hannah ensina que o talento conta mais que a beleza. E espalha mensagens boas: sobre a família, a religião, o amor. «Esta juvenzinha é o ícone de uma geração inédita, a dos Expo Teens – frisa Morace – Expo, no duplo significado de “exploração” e “exposição”». São as possibilidades dos adolescentes de hoje: explorar um mundo enorme e, ao mesmo tempo, a oportunidade de fazer-se notar por uma série infinita de novas plataformas. É aqui sobretudo que se engancha o desdobramento dos temas no filme: os riscos da exposição (as férreas regras do show business e do espetáculo que... à americana, deve contudo entrar em cena), e da popularidade com tudo quanto arrisca na e da vida real, dos seus valores: em família, com os amigos, no social. A habilidade consiste em saber gerir os vários níveis sem se atropelar. O filme é para ser conhecido e proposto a um público de adolescentes, também em confronto com a série televisiva.

I Love Shopping

P. J. HOGAN – USA 2009

Os dois primeiros dos cinco romances escritos por Sophie Kinsella tendo ao centro a figura de Rebecca Bloomwood (Becky) encontraram facilmente o caminho da versão cinematográfica.

“Becky representa todas as mulheres que saem para comprar um litro de leite e voltam com um par de botas. Representa todos os homens que param diante de uma vitrina e sabem, com absoluta certeza, que devem comprar aquela determinada jaqueta e também as meias curtas que fazem parte do conjunto. Representa todas as pessoas que entram em vibração quando veem a palavra ‘saldos’, e que, quando recebem o cartão de crédito, pensam imediatamente estar errado pois não podem ter gasto tanto”. É assim que a escritora inglesa do best-seller descreve a heroína do seu romance mais célebre *I love shopping*, agora no cinema.

A simpática, autossuficiente e um tanto bagunçada Becky que o livro coloca em Londres, na tela em vez ela se movimenta em Nova York, a cidade símbolo onde as mulheres se afirmam e vivem suas vidas “na moda”. De resto, as características literárias são substancialmente respeitadas: há humorismo, ambientes glamour, há uma galeria de vestuários e acessórios da moda dos contos de fada, há como é natural a história de amor (com o seu empresário Luke, interpretado por Hugh Dancy).

Por que indicar um filme deste gênero no Da mihi Animas?

Sua heroína esbanjadora, para não chamá-la ‘compradora compulsiva’ encarna eficazmente atrativos, tendências, limites ou vícios que não estão longe, de maneira alguma, dos interesses e das aspirações/miragem dos nossos jovens. O primado do olhar, a competitividade consumista, a escalada do sucesso profissional, a admiração por aqueles que fazem sucesso misturam-se nas pregas do script que não omite os acentos realísticos. Apesar de se definir na linha do conto de fadas com final romântico (mas não muito), o relato está mais atento aos personagens que aos seus comportamentos, e se presta para ser utilizado como ocasião oportuna para encaminhar uma reflexão/debate (também autocrítica) sobre o tema em questão.

ESTANTE LIVROS – *por Adriana Nepi*

Gherardo Colombo – Anna Sarfatti

FOSTE TU?

Garzanti 2009

Um livro que nasceu da colaboração entre um notável ex-professor e uma genial professora florentina, capaz de conduzir os pequenos alunos, desde as primeiras classes elementares, através de um diálogo vivaz e espontâneo, a enfrentar os problemas da convivência humana, de modo a desenvolver neles uma clara consciência civil.

Depois de ter acompanhado uma aluna da primeira à quinta classe com uma aproximação inicialmente apenas indireta fundamentando-se em nossa Constituição, obteve para os alunos a possibilidade de uma correspondência incógnita com Gherardo Colombo.

Às perguntas algumas vezes ingênuas mas sempre pertinentes (nós crianças somos cidadãos? E as crianças na barriga da mãe? – como se faz para estar seguros de que o juiz não tenha preferências? – uma criança deve frequentar obrigatoriamente a escola?) o ex-magistrado responde com a clareza do especialista e a simplicidade cativante de um avô bondoso. Livro agradável e... talvez, talvez útil também para os adultos.

Luca Frigerio

LAZZATI o mestre, o testemunho, o amigo

Paulinas 2009

Ocorre este ano o centenário do nascimento de Giuseppe Lazzati, uma das maiores figuras do laicato católico italiano do século passado. Ela é aqui proposta novamente através de uma série de entrevistas conduzidas pelo autor a interlocutores de diferentes culturas e de diferentes classes sociais, que tiveram a fortuna de conhecer de perto o professor: muitos num prolongado relacionamento de trabalho ou de amizade e alguns, em eventuais encontros.

Lazzati quis ser leigo e assim se proclamou sempre, no seu coerente e algumas vezes heróico caminho de santidade: uma laicidade, a sua, feita de competência profissional, de paixão civil, de amor pela liberdade, de busca desinteressada do bem comum, de todos aqueles valores em suma que, conservando a autonomia que lhe é própria, são perseguidos sem confusões nem intransigência clerical. Parece-nos que o valor do livro está em estimular nas diferentes gerações que tiveram de Lazzati apenas algumas descoradas notícias, o desejo de conhecer este grande amigo dos jovens, este cristão tão libertado e tão fiel à Igreja, sobretudo aproximá-los de algumas de suas obras que há décadas de distância nada perderam de sua atualidade.

Giancarlo Biguzzi

PAULO E A MULHER

Edições Paulinas

Entre as numerosas publicações no ano paulino, sobressai este título cativante. São Paulo não é comumente considerado como o apóstolo misógino? O autor através de uma análise caprichada dos textos originais, consegue ser convincente ao contestar o significado de algumas expressões ambíguas da I carta aos Coríntios (entre as quais *que a mulher se cale na assembleia...*)

Tal questão ocupa mais de dois terços do livro, enquanto a última parte diz respeito “à mulher na práxis apostólica de Paulo”. Volta-nos mais facilmente à memória a figura de Lídia, a comerciante de púrpura que, convertida por Paulo, insistiu em oferecer-lhe hospitalidade e apoio, como é narrado nos Atos. Talvez menor atenção se dê aos outros nomes de mulheres (sete na carta aos Romanos) às quais Paulo envia saudações cheias de considerações e de gratidão: de quase todas ele afirma que “trabalharam pelo Senhor”, a mesma expressão que usa mais vezes para lembrar a sua atividade apostólica, o que leva a entender que as mulheres não se industriaram apenas para a subsistência dos apóstolos, mas também para colaborar ativamente na evangelização. Ao lado do homem que “reza ou profetiza”, não por acaso o mesmo Apóstolo colocou, na Igreja, a mulher “que reza ou profetiza”.

O LIVRO - *por Emilia di Massimo*

As coisas que o céu nos traz

“As coisas belas que o céu nos traz”, romance escrito por Dinaw Mengestu, presta-se a múltiplas definições: uma história de mudança e de solidão; comovente síntese entre a doçura dos sonhos e a dureza da realidade; romance sobre o mundo da imigração. Sepha Stephanos, protagonista da história, deixou a

Etiópia depois que os rebeldes mataram seu pai, a poucos metros dele. "Não havia deixado a Etiópia para fazer estudos universitários nos subúrbios setentrionais da Virgínia, mas para ouvi-lo narrar". Sepha apresenta-se, deste modo, ao mundo americano mas conserva no coração o desejo de reencontrar em um outro continente a sua pátria convivendo com a permanente saudade de sua terra. Os seus sonhos têm como fio vermelho a figura paterna, os seus ensinamentos e, sobretudo, a tragédia da morte do pai, da qual Sepha é indiretamente responsável: "... o haviam espancado na sala, fazendo-o quase perder os sentidos... Apesar disso ele lhes implorou: "Sairei daqui com as minhas pernas". Os folhetos que os militares haviam encontrado eram de Sepha, não do pai, que os havia trazido ao seu quarto depois de tê-los encontrado no quarto do filho. Um último olhar à família por parte do pai antes de ser levado para que o pudessem ver, para que pudesse deixar-lhe uma impressão duradoura. O dia seguinte à prisão do pai, atendendo às solicitações da mãe, Shefa sai de casa e se vai; no coração traz um inefável desejo de liberdade.

Procurará por muito tempo encontrar algo de familiar onde quer que fosse; a imaginação prevalecerá e aprenderá a acolher com alegria as miragens de casa, tornadas já habituais e acolhidas com alegria nas pregas da própria solidão. Tecerá contínuos diálogos com os seus entes queridos e, auscultador privilegiado deles, será o papai; o verá e se falarão mais do que realmente aconteceu. Quando as conversas terminarem, Sepha compreenderá que havia saído de casa para sempre, ou melhor, que com a morte do pai perdera a sua parte. O desejo de casa, de família, conduz Sepha a fazer uma aproximação da sua cultura com a americana, mas não parece encontrar solução: "...até a luz do tardio entardecer parece alcançar Washington do mesmo jeito que em Addis Abeba... E finalmente este dia terá terminado". Um outro dia termina e leva consigo o amargo conhecimento de que Sepha não voltará para casa, expressão por ele mais querida e mais desejada, mais sofrida e nostálgica...

Depois de dezessete anos vividos na América, Sepha não conseguiu realizar o seu sonho principal: abrir um restaurante, mas comprou uma pequena drogaria num bairro pobre de Washington. Os clientes são sempre os mesmos, de dia estudantes que voltam da escola, à noite delinquentes e prostitutas. Toda quarta-feira os seus dois únicos amigos, Joseph e Kenneth, que como ele são emigrantes da África, vêm visitá-lo. Esta vida isolada não é exatamente aquilo que imaginava quando ainda vivia com sua família, talvez seja por tal motivo que muitas realidades americanas tornaram-se metáfora da África, e ao mesmo tempo é grande o desejo de assimilar completamente a cultura americana: "...faço de tudo para evitar restaurantes e bares frequentados por outros etíopes da minha geração; chamo raramente em casa...". Mas qualquer escolha feita por Sepha não resolve o problema da solidão interior que sofre, a sensação de marginalização que parece sempre acompanhá-lo e torná-lo de qualquer modo "diferente" e jamais integralmente inserido em uma nova cultura. Como compreender o drama de um refugiado quando se afirma que a história registra apenas três grandes revoluções: a francesa, a chinesa e a russa? Como compreender o sentido de uma carta escrita ao Presidente Carter na qualidade de imigrado nos Estados Unidos, ou melhor de uma pessoa a quem não resta nada na pátria porque uma guerra sanguinolenta lhe levou tudo?...

Mas certo dia parece que a realidade de Sepha começa a mudar: em um palácio desabitado há anos aparece Judith, uma jovem mulher branca, e Naomi, a filha de onze anos. Para Sepha a sua chegada representa um novo início. Entre Sepha e Naomi não há saudações, palavras supérfluas, apenas uma cumplicidade secreta e silenciosa, e a vontade de encher aquele vazio que às vezes não deixa dormir. A menina passa o dia todo com ele lendo, sentada em cima do balcão da loja o "Washington Post" e o romance "Os irmãos Kamarazov", do qual Sepha decora uma passagem: "Falam muito da vossa educação, mas qualquer lembrança maravilhosa e sagrada que conservastes da vossa infância, poderá ser para vós a melhor das educações. Se um homem leva consigo muitas destas recordações na vida, ele estará seguro até o fim dos seus dias. E se precisasse permanecer apenas uma boa recordação no nosso coração, ela poderia servir um dia para a nossa salvação".

Certa tarde Judith o convida para jantar na sua casa e lhe pede para ficar; alguma coisa se reacende no coração de Sepha, principalmente a esperança de ter finalmente uma família, de não sentir-se mais sozinho, mas as inseguranças de todo ser humano são com frequência tão extensas e profundas que não podem ser facilmente liquidadas, somente por causa da presença de alguém. Páginas de entusiasmo se seguem depois de uma noite passada "em família"; o romance parece encaminhar-se para um desfecho final positivo coincidindo com a chegada do Natal. Sepha prepara os presentes, escolhe-os com cuidado e com afeto, sobretudo para Judith e Naomi; escreve o cartão para cada uma delas; evidentemente passam o Natal juntos...

O romance não tem o clássico e talvez esperado final feliz; termina coerentemente com a história narrada e Sepha compreenderá que a liberdade é um direito pelo qual deverá lutar sempre, também longe das minas e dos morteiros de seu país. Sepha deverá aceitar a realidade da intolerância que muitas vezes se verifica em lugares impensáveis, por causa de situações aparentemente insignificantes.

Em certo sentido, o romance pode também ser considerado formativo; um realístico processo de crescimento no interior de um dúplice terreno: o das próprias, indeléveis raízes, e o de uma nova terra que precisa ser assumida com o esforço de não renegar nada da própria identidade, da própria história, da própria origem.



«FAÇAM O QUE PUDEREM.
DEUS FARÁ O QUE NÃO PODEMOS FAZER.
CONFIEM TODAS AS COISAS A JESUS
SACRAMENTADO
E A MARIA AUXILIADORA
E VERÃO O QUE SÃO OS MILAGRES.»
(Dom Bosco MB II, 395)

NO PRÓXIMO NÚMERO

ENCONTRO: ***Bem-aventurados os pobres***

PRIMEIRO PLANO: ***O porquê de Teresa*** A escolha de Dom Bosco

EM BUSCA: ***Mulheres no contexto*** Notícias de Pequim

COMUNICAR: ***Cara a cara*** A comunicação desafio para novas relações

Meu querido Jesus

No lugar onde moro, está para chegar o frio. As atividades pastorais estão recomeçando. Tudo está de novo em movimento. Todas prontas para evangelizar. Ou ao menos, pensava eu: Educar bons cristãos e honestos cidadãos.

Por onde começar? Um dia desses, eu estava na portaria no intervalo das aulas dos alunos da escola. Aproximou-se uma menina do terceiro ano do Ensino Médio e me pediu informações. Aproveitei o momento para fazer também eu a minha parte de “evangelizadora”... e lhe perguntei qual era o seu relacionamento com o Senhor.

Ela me disse que reza muito. Sobretudo quando sabe que deve dar a lição. Mas não sabe muito de catecismo. Quando era criança encheram-lhe a cabeça com tantas histórias e agora não sabe mais quais eram as fábulas e quais as coisas verdadeiras que se referiam a Jesus. Contavam-lhes estas coisas para entretê-los.

Disse-lhe que seguramente agora os professores lhe explicariam alguma coisa a mais sobre Jesus e sua mensagem... e ela me disse que na realidade não é que se fale abertamente de Jesus. Fala-se dos valores cristãos... que são compartilhados também pelos jovens que não são cristãos. Mas propriamente da Palavra de Deus não se fala. Foi-lhe dito que se ela quiser aprofundar pode manifestar seu pedido, ou frequentar os grupos de compromisso na parte da tarde.

Senti-me mal. Não pensava que falar abertamente de Jesus fosse “inconveniente”. Sempre achei que é preciso ser transparente e não negociar, pelo menos, o Evangelho.

É certo que em nossas obras há muitos cristãos, e também eles têm o direito de conhecer Jesus. Fazê-los conhecer Jesus não significa querer impor-lhes que se tornem cristãos, mas sim dar-lhes referências claras sobre quem somos.

O bonito é que onde somos livres de falar de Jesus algumas vezes por excessivo respeito humano falamos pouco... e onde há sistemas de governo que poderiam impedir falar abertamente de Jesus e do seu evangelho, as nossas irmãs fazem de tudo para torná-lo conhecido, arriscando até a própria vida.

Talvez nós irmãs um pouco mais avançadas em idade, as quais habitualmente as meninas olham com mais afeto, como aos seus avós, poderíamos tentar ser mais corajosas e contar como a nossa vida, os nossos longos anos, foram plenos da alegria do encontro com Jesus.

A PALAVRA



**SUSTENTAS OS MONTES
COM TUA FORÇA...**

(SALMO 65,7)